

Práticas de si e contraconduta de usuários de maconha: elementos para pensar uma educação sobre drogas¹

Prácticas de sí y contra-conducta de usuarios de marihuana: elementos para pensar una educación sobre drogas

Marijuana users practices of themselves and counter-conduct: some elements to think about a drugs education

Tiago Magalhães Ribeiro*

* Mestre e doutorando em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Correio electrónico: tiagomribeiro@gmail.com

1 O presente texto constitui uma reflexão que resulta de uma investigação de doutorado, em andamento, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, intitulada "A Constituição de Si de Usuários de Maconha na Contemporaneidade: elementos para pensar uma educação sobre drogas."

Resumen

El artículo presenta una reflexión acerca de las formas como los usuarios de marihuana han desarrollado colectivamente nuevas formas de subjetividad. Tales formas se entienden como un proceso de producción de una contra-conducta, que es descrito y problematizado en el sentido de pensar algunos elementos para proponer una educación sobre drogas. A partir de herramientas *foucaultianas* —como las nociones de "ética", "prácticas de sí" y "contra-conducta"— y de material empírico recogido en un foro de internet, se realiza un mapa de los modos como los que usuarios de marihuana han construido formas de relación con sí mismos que niegan su identificación como criminales y/o enfermos y buscan la integración en el orden político y social desde la constitución de sí mismos como sujetos trabajadores y responsables.

Palabras clave

Usos de drogas, educación, biopolítica, procesos de subjetivación, ética.

Resumo

O artigo apresenta uma reflexão acerca dos modos pelos quais usuários de maconha têm desenvolvido coletivamente novas formas de subjetividade. Tais modos entendem-se como um processo de produção de uma contra-conducta, que é descrito e problematizado no sentido de se pensarem alguns elementos para propor uma educação sobre drogas. A partir de ferramentas *foucaultianas* —como as noções de "ética", "práticas de si" e "contraconduta"— e de material empírico coletado em um fórum da internet, trata-se de um mapeamento dos modos pelos quais usuários de maconha vêm elaborando formas de relação consigo mesmos que recusam a sua identificação como criminosos e/ou doentes e buscam a integração na ordem política e social a partir da constituição de si como sujeitos trabalhadores e responsáveis.

Palavras chave

Usos de drogas, educação, biopolítica, processos de subjetivação, ética.

Abstract

This article deals with a reflection about the ways how marijuana users have developed in a collective way new ways of subjectivism. Such ways are understood as a process of production of a counter-conduct, which is described and made a problem in the sense of thinking about some elements to propose a drugs education. From *Foucaultian* tools —as the notions of "ethics", "practices of oneself", and "counter-conduct"— and empirical material collected in an internet blog, a map of the ways in which marijuana users have built ways of relationships with themselves that deny their identification as criminals and / or sick people and are looking for their integration to the political, social order from the constitution of themselves as working and responsible individuals is done.

Key words

Uses of drugs, education, bio-politics, subjectivism processes, ethics.

Fecha de recepción: 25 de enero de 2013

Fecha de aprobación: 22 de abril de 2013

O consumo de maconha tem sido uma realidade bastante presente nas sociedades contemporâneas, tratando-se, atualmente, da substância ilícita mais utilizada no mundo¹. No Brasil, desde o início da década de 1970 a prevenção ao uso de drogas foi instituída como componente dos currículos escolares, mobilizando professores, diretores, supervisores, em suma, os sistemas de ensino, em torno de uma nova demanda no que concerne à formação de sujeitos: a abstinência em relação ao uso de um rol de substâncias tornadas ilícitas algumas décadas antes. A experimentação desse conjunto de drogas, cujos registros remontam aos primórdios da história conhecida, tornava-se, com esse movimento, uma temática educacional. De lá para cá, esforços legislativos, judiciários, médicos e educacionais bastante significativos foram realizados, envolvendo a mobilização de profissionais, instituições e investimentos financeiros nada desprezíveis. Tais esforços, contudo, segundo relatório da Comissão Global de Políticas sobre Drogas², não têm sido acompanhados pela diminuição do interesse pelo uso dessas substâncias. Ao mesmo tempo, intensifica-se o debate, em diversos países, envolvendo instituições do Estado e da sociedade civil organizada, figuras públicas, políticos, pesquisadores, profissionais de diversas áreas e ativistas, a respeito da nossa relação com as drogas e das formas pelas quais concerne, ou não, ao Estado, e em que medida, interferir nessa relação, bem como que tipo de interferência seria desejável, correta, eficaz. Assim, não seria exagero afirmar que as drogas estão na ordem do dia hoje, talvez mais do

que nunca e, dentre elas, a mais conhecida, utilizada e disputada de todas: a maconha.

O que se pretende neste artigo é mapear, ou melhor, apresentar os primeiros elementos do mapeamento de um novo movimento que se faz notar nesse complexo tabuleiro onde é jogado o jogo da história da experiência humana com as drogas. Muitas coisas parecem ter acontecido ao longo dessas, mais ou menos, quatro décadas desde que o uso de drogas foi tornado um assunto para o campo da Educação no Brasil. Ao mesmo tempo em que programas de prevenção foram aplicados nas escolas, com resultados variados, os próprios usuários da planta passaram a organizar modos estratégicos de ação, lutando pelo discurso que diz o que eles são, ou, mais precisamente, passaram a desenvolver práticas através das quais podem se constituir a si mesmos de outras maneiras, como sujeitos. Descrever e analisar alguns aspectos dos modos como isso está acontecendo configura as balizas deste texto. Especificamente, o que se pretende mostrar é que um dos pontos principais dessa luta é uma operação do sujeito usuário de maconha sobre si mesmo, de modo a constituir, consigo, uma relação caracterizada, principalmente, por um ativismo constante, pela recusa da sua identificação como sujeito criminoso/doente e pela adoção de práticas marcadas por autocontrole e responsabilidade, tendo em vista permitir a constituição, na relação com os outros, de sua inserção na ordem política e social dominante sem os prejuízos advindos da associação do uso de maconha com crime ou doença. Algumas características dessa “subjetividade ativista” e das práticas por meio das quais ela se produz, uma compreensão desse processo enquanto elaboração de uma *contraconduta* e algumas reflexões finais acerca da potência dessas questões para a constituição de um pensamento voltado a uma educação sobre drogas é o que se encontra no texto que segue.

A constituição de uma subjetividade “canábico-ativista”

A hipótese mais aceita acerca das origens do consumo de maconha no Brasil refere que a planta teria sido trazida, no século XVI, por negros traficados para o país na condição de escravos, tendo o hábito de fumar o “pito do pango” se mantido, durante muito tempo, restrito às populações de escravos, ex-escravos e às comunidades rurais pobres, além de segmentos urbanos populares e marginalizados, principalmente do Norte e do Nordeste brasileiros (MacRae; Simões, 2004). Tal uso acabou disseminando-se para estratos

1 Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas, publicação anual do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, na sigla em inglês), em sua edição de 2012, existem entre 119 e 224 milhões de usuários de maconha no mundo, o que faz dessa substância a mais consumida das drogas ilícitas (UNODC, Relatório Mundial sobre Drogas, 2012). Disponível em: http://www.unodc.org/documents/southerncone//Topics_drugs/WDR/2012/WDR_2012_Sumario_Executivo_PORT.pdf. Acesso em: 12 de novembro de 2012.

2 Essa comissão, formada por 22 membros, dentre os quais os ex-presidentes do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, do Chile, Ricardo Lagos, da Colômbia, Cesar Gaviria, do México, Ernesto Zedillo, de Portugal, Jorge Sampaio, da Suíça, Ruth Dreifuss, além de notáveis como o intelectual peruano Mario Vargas Llosa, o ex-secretário geral das Nações Unidas, Kofi Annan e o ex-diretor do Banco Central dos Estados Unidos, Paul Volcker, elaborou, no ano de 2011, um detalhado relatório que avaliou como um “fracasso” a “guerra global contra as drogas”. Conforme o relatório, “os imensos recursos gastos na erradicação da produção, repressão aos traficantes e criminalização dos usuários não foram capazes de reduzir a oferta nem de reduzir o consumo de drogas” (Comissão Global de Políticas Sobre Drogas, 2011, p.2). Disponível em http://www.globalcommissionondrugs.org/wp-content/themes/gcdp_v1/pdf/Global_Commission_Report_Portuguese.pdf. Acesso em: 9 de novembro de 2012.

mais amplos da população somente no século XX, principalmente a partir da década de 1960, quando foi incorporado como um valor dentro de uma filosofia contestatória, ligada aos movimentos políticos e sociais da juventude. Evidentemente, escapa aos limites deste texto a reconstituição histórica das práticas de uso da maconha, cabendo, aqui, apenas ressaltar que, mesmo no contexto das décadas de 1960 e 1970, quando o uso da planta aumenta e se espalha pelas classes médias urbanas, ele constitui um elemento no interior de uma filosofia de vida mais ampla, a qual envolvia também novas formas de relação com a sexualidade, com as instituições, com as autoridades, enfim, com a cultura. Assim, a análise aqui proposta vai partir de um momento posterior, um pouco arbitrariamente demarcado: o ano de 2002. Nesse ano foi realizada, no Rio de Janeiro, a primeira edição brasileira da “Marcha da Maconha”, evento anual que mobiliza pessoas em várias partes do mundo pela legalização do uso da planta. Desde então, sempre no mês de maio, ativistas se reúnem para passeatas, realizam palestras e debates e trocam informações e experiências sobre o uso da maconha. Em 2011, após anos de confrontos com as polícias locais e proibições à realização da marcha por parte dos poderes judiciários estaduais, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela legalidade da manifestação, que já ocorre nas principais cidades do país, tendo no site marchadamaconha.org um ponto importante de organização da sua rede e de disponibilização de informações. Mas, além desse marco da constituição de um ativismo organizado em torno do uso da maconha, nesse mesmo ano de 2002 foi criado no Brasil o site *Growroom*³, primeira comunidade virtual de “maconheiros” no país, na qual funciona um fórum de discussão onde os usuários trocam experiências, conhecimentos, informações, conselhos, discutem questões políticas e definem para si mesmos o que são, como vivem, o que querem, enfim, trocam entre si elementos para a constituição de si mesmos como algo diferente das formas pelas quais foram e são objetivados pelo saber-poder médico-judiciário, em suma, como algo diferente de um sujeito doente/criminoso. Esse site, do qual me sirvo para a coleta de material empírico, é mantido por

um grupo que atua em defesa dos direitos dos usuários de maconha, tendo como uma de suas principais atividades manter um Portal na Internet sobre tudo que é relacionado à planta *Cannabis Sativa*, seus usos e usuários, além de um Fórum que serve de espaço de convivência para pessoas adultas que consomem *Cannabis Sativa*. (*Growroom*, “Quem

Somos”. Disponível em: <http://www.growroom.net/quem-somos/>. Acesso em: 1º de novembro de 2012).

Entendo que a criação desse site e a realização dessa manifestação podem ser lidos como momentos de visibilização de uma inflexão no jogo de forças que institui o sujeito usuário de maconha, pois são dois movimentos que marcam a entrada pública e organizada dos próprios consumidores da planta na arena que define a verdade do que são e do que fazem. Se outrora o consumidor dessa substância, em geral, escondia-se para experimentá-la e negava peremptoriamente ser dela usuário, agora, anualmente, na Marcha da Maconha, ele canta “Eu sou maconheiro, com muito orgulho, com muito amor” nas ruas das principais cidades brasileiras, em uma melodia apropriada dos cânticos das torcidas de futebol nos estádios. Já no fórum do site *Growroom*, os “maconheiros” estão constituindo uma cultura não só da *Cannabis Sativa*, mas, também, do usuário da planta. Nesse espaço eles se organizam politicamente, eles interagem de múltiplas e variadas formas, as quais compõem elementos de uma cultura de si que, se em muito ultrapassa o espaço de uma comunidade virtual, tem nela um lócus privilegiado para a identificação e a análise das formas pelas quais tal cultura de si fomenta, para esses usuários, modos de governo de si. Nesse espaço fica armazenada uma gigantesca quantidade de mensagens que os frequentadores do fórum trocam entre si sobre diversos assuntos relacionados à maconha e seus usuários. Esses registros podem ser entendidos como guias de conduta, pois expressam citações, exemplos, reflexões, descrições, argumentos, conselhos, informações, enfim, uma vasta série de tipos de discurso que pode ser entendida como uma espécie de banco que reúne informações preciosas para a constituição de si. De uma certa forma, fragmentada, às vezes caótica, nesse fórum o usuário de maconha encontra um conjunto excepcionalmente grande de informações, argumentos, elaborações, princípios e valores suscetíveis de orientar suas práticas e, uma vez nelas encarnando, estabelecer uma relação de si para consigo o mais aproximada possível ao ideal de um sujeito capaz de, não abdicando do prazer que associa ao uso de maconha, exercer sobre si um controle que lhe permita, sem sofrer grandes prejuízos pessoais, profissionais, legais, sociais, fruir a efetivação desse prazer.

No fórum do *Growroom*, são inúmeras as discussões que perpassam temas como a quantidade e a frequência do uso de maconha, problemas pessoais, familiares, no trabalho, havendo uma grande insistência, por parte de vários usuários, na importância

de se manter um uso minimamente equilibrado ou controlado, sem o abandono das responsabilidades profissionais, familiares, conjugais, sociais. A ênfase nos benefícios de se exercer um autocontrole sobre o consumo da maconha se refere, em inúmeras mensagens trocadas no fórum, principalmente, por um lado, ao fato de que um uso contínuo diminui o prazer, devido à tolerância que o usuário desenvolve à droga e, por outro lado, à importância de se romper com a imagem do “maconheiro” como alguém irresponsável e inútil, “que não faz mais nada além de ficar fumando maconha o dia todo”. Os oito excertos⁴ abaixo, retirados do fórum do *Growroom*, expressam essas formas de modulação do prazer, de valorização do autocontrole, da autodisciplina e da responsabilidade. Optei pela inclusão de todos em sequência a fim de tornar mais clara a recorrência de temas e formas de abordagem:

Usuário: Carlindo Perleira

Data da postagem: 04/07/2010

Construa sua vida, conquiste suas vitórias, seja um indivíduo autônomo e independente, ninguém poderá falar nada sobre seu hábito de fumar maconha! Pelo seu relato, claramente está te fazendo mal, então parabéns pela iniciativa em parar. Busque fortalecer seus objetivos pessoais, profissionais, veja quais ações você tem que realizar agora, que é novo, para aos 30 ou 40 anos você ter tranquilidade e ter alcançado tudo o que você queria.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page__st_60#entry592557. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: duff

Data da postagem: 28/07/2010

Tudo é o controle, brother. Não pode deixar ela te dominar, você tem sempre que dominá-la.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page__st_80#entry600681. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: AllNature

Data da postagem: 29/11/2012

O lance agora é você se esforçar no que você estiver fazendo atualmente, seja lá trabalhar ou estudar, ou tire boas notas ou trabalhe muito e não dê motivo para críticas, se mostre responsável.

Disponível em: <http://www.growroom.net/board/topic/48820-a-casa-cai-para-todo-maconheiro-que-mora-com-os-pais-help/#entry973338>. Acesso em: 6 de dezembro de 2012

Usuário: Tyler_Durden

Data da postagem: 18/05/2011

Hoje decidi que tenho que buscar equilíbrio, que a maconha é algo que quero levar na minha vida, realmente, mais de forma moderada. Meu irmão também entendeu isso e no dia de hoje me disse que percebeu que a erva o está atrapalhando e que ele quer diminuir e curtir por prazer e não por compulsão. A maconha é algo que faz bem, mas, como tudo na vida, não pode ser usada em excesso. Equilíbrio é a palavra chave. (...) Não sei exatamente quanto tempo essa “pausa” para refletir vai durar, mas tomei algumas decisões, como, por exemplo, usar somente quando não atrapalhar minhas atividades e responsabilidades.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page__st_100#entry710336. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: Gnomo Alakritiano

Data da postagem: 18/05/2011

Acho que eu precisava dessa experiência pra poder reconhecer com autoridade até onde eu posso ir sem me expor e sem atrapalhar meu convívio social. (...) Achei válido dar essa pausa, pra provar pra mim mesmo que ainda tenho controle sobre minhas ações.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page__st_100#entry710028. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: biscoito71

Data da postagem: 18/05/2011

Tem que ter moderação, se fumar um toda hora perde a graça.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page__st_100#entry710116. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

4 Os excertos foram retirados do fórum existente no site www.growroom.net. Para maior clareza, foram corrigidos erros de ortografia e pontuação, retiradas abreviações e feitas pequenas adequações de linguagem, mantendo-se, no entanto, o conteúdo original das mensagens. Quanto às identificações dos usuários, foram mantidos os apelidos ou nicknames por eles utilizados, já que garantem o anonimato do mesmo modo como este se dá no próprio *Growroom*.

Usuário: brócolis

Data de postagem: 19/05/2011

Eu resolvi todos esses problemas me forçando a acordar cedo, todos os dias, inclusive domingos. Às 6 da manhã tô de pé, lesado ou não... Atividade física na sequência, trabalho e vida normal, e escolho bem o tipo de fumo que vou usar no decorrer do dia.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page_st_100#entry710514. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: Vinig

Data de postagem: 26/05/2011

O mais importante disso tudo é o autoconhecimento. Você é ciente que está te fazendo mal? Cabe a você mesmo botar o “reloginho” pra acordar mais cedo, lesado ou não. Cabe a você cumprir suas obrigações profissionais. Cabe a você ler, estudar e tirar boas notas.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/35377-fumar-todo-dia-problemas/page_st_120#entry714217. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Em linhas gerais, trata-se da reiteração de discursos de moderação, de controle de si, tendo em vista sua internalização e transformação em princípios de conduta, princípios estes que, tornados práticas de si, produzem sujeitos que, a despeito do uso de maconha, se mostram a suas famílias, amigos, colegas, em suma, à sociedade e ao Estado, através de suas instituições, como responsáveis, autocontrolados, competentes, ou seja, como indivíduos completamente distanciados do crime e da doença (com seus “sintomas” de apatia, desinteresse, isolamento, desmotivação). Assim, produz-se coletivamente uma nova forma de subjetividade que se torna disponível aos usuários de maconha, forma esta calçada em autodisciplina e autorregulação da conduta e destinada a contrapor explicitamente as representações enunciadas pela racionalidade médico-judiciária que informa um certo senso comum sobre a maconha e seus usuários.

Deste modo, através da interação propiciada por esse site, milhares de usuários de maconha do Brasil todo têm acesso a informações, a conselhos sobre como lidar com dificuldades familiares e profissionais relacionadas ao seu uso de maconha, mas, mais do que isso, a concepções acerca do que é ser e de como deve viver um usuário de maconha, o que deve valorizar, que sentidos deve dar a sua prática e

às relações que cultiva consigo e com os outros usuários, com os familiares e amigos não usuários, com as instituições, as leis e com a própria forma como faz uso da droga. Ou seja, ele tem acesso a todo um repertório passível de ser elaborado em termos de técnicas de si das quais poderá se valer para constituir sua relação consigo mesmo e com o mundo, a partir da sua instituição perante si mesmo enquanto usuário de maconha. O fato dessa grande quantidade de informações ficar sempre disponível, por escrito, a qualquer momento e em qualquer lugar, bastando um computador com acesso à internet para acessá-las, constitui uma novidade do nosso tempo, a qual abre possibilidades antes inexistentes aos usuários de maconha, que contavam apenas com seus pequenos grupos de amigos também usuários para a troca sigilosa de informações e de modelos de existência, estando, conseqüentemente, muito mais suscetíveis às formas de identificação e sujeição postas em funcionamento pelos discursos e pelas instituições nas quais se materializam as tecnologias de dominação.

Buscando caracterizar melhor essa subjetividade “canábico-ativista”, pode-se indicar que ela toma o prazer associado ao uso da droga como objeto do juízo ético⁵ que elabora, elaborando, também, um modo outro de regulação do desejo, um modo outro de orientar, de governar esse desejo de experimentar o prazer da droga, sem que isso implique, de um lado, a abstinência do prazer associado ao uso da maconha (o que caracterizaria um retorno às formas de regulação do desejo instituídas pelos saberes e técnicas tradicionais da medicina, da psiquiatria e da prevenção às drogas) e nem, de outro, a constituição de uma espécie de autonomização de uma vontade de prazer, um hedonismo cuja ilusão seria marcada pela ideia de um desejo sem regulação, “livremente” expressado. Esse modo de regulação que os usuários de maconha parecem estar constituindo (modo que recusa tanto a ilusão da regulação plena, quanto a ilusão da regulação nula do desejo) é um modo de sujeição do indivíduo por si mesmo, o que atende a uma racionalidade que reconhece, por um lado, a legitimidade, e, por outro lado, os riscos, os limites necessários do prazer; que forma uma vontade não de repressão nem de liberação, mas de fruição contro-

5 O termo “ética” é entendido, aqui, do modo como Michel Foucault o compreendeu, principalmente nos volumes II e III de sua História da Sexualidade (respectivamente, “O Uso dos Prazeres” e “O Cuidado de Si”) e nos últimos cursos por ele ministrados no *Collège de France*, nos anos iniciais da década de 1980 (em especial, “A Hermenêutica do Sujeito”, “O Governo de si e dos Outros” e “A Coragem da Verdade”). Em síntese, portanto, entende-se “ética”, neste texto, como um modo de relação que o indivíduo desenvolve consigo mesmo.

lada do prazer pelo próprio sujeito e por seus pares. Ou seja, nem abstinência, nem dependência, mas fruição autorregulada, como se depreende dos tipos mais comuns de conselhos que são dados, no fórum do *Growroom*, de usuários para usuários e também, como é o caso da citação a seguir, de usuários para pais de usuários que buscam no fórum interlocução e orientação para como lidar com seus filhos:

Usuário: PPerverso

Data da postagem: 29/11/2012

Vocês precisam tentar junto a ele que ele diminua drasticamente a forma dele conviver com esse gosto que ele adquiriu pela Cannabis. Ele precisa colocar ela como um prêmio pelo cumprimento perfeito das obrigações dele. Explico. Fez tudo o que tinha pra fazer durante o dia? Pode fumar um baseado quando já tiver cumprido todas as obrigações. A média da escola é 7? Se tirar média 8 pode fumar dois baseados no fim do dia, e assim vai. Disponível em: <http://www.growroom.net/board/topic/48833-conselho-de-usuarios/#entry973674>. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Para tornar possível essa fruição autorregulada, os usuários constituem, coletivamente, uma série de formas de operação sobre si mesmos, de modo a controlarem suas condutas no sentido ético desejado (o sentido de uma fruição autorregulada dos prazeres associados ao uso de maconha). São as técnicas, as práticas de si pelas quais elaboram a si mesmos moderando seus atos, racionalizando ou reorientando de certas formas seus desejos, instituindo controles, em suma, agindo sobre si mesmos de modo a viabilizar sua constituição enquanto sujeitos capazes de regular seu desejo do uso de maconha para que, não se privando dele, não prejudiquem outras esferas de suas vidas e, sobretudo, não se vinculem àquela identidade construída pelos discursos e práticas médicas, psiquiátricas, judiciais e também por uma educação antidrogas, polos de atração que inserem o sujeito nas tramas da biopolítica⁶, levando-o a reconhecer a

si mesmo como “usuário de drogas”. Essas práticas de si, que aqui descrevo muito sucintamente, constituem os operadores da transformação do indivíduo que usa maconha, não no “usuário de drogas”, mas no sujeito livre e autônomo que é capaz de governar a si mesmo e, sem abrir mão de seus prazeres, levar uma vida satisfatória e constituir uma relação tranqüila e prazerosa consigo mesmo, além de bem integrada no tecido social. Ou seja, um sujeito que, de um lado, condicionado pelas tecnologias de dominação, aceita e procura instituir formas de autocontrole sobre seu desejo, mas, de outro lado, instituindo tecnologias de si, reivindica sua autonomia para determinar de que modos poderá fruir os prazeres e governar a si mesmo, fazendo dessa incorporação da necessidade de instituir controles sobre si uma construção que não se impõe desde a exterioridade, mas que é elaborada pelo indivíduo em contato com seus pares, a partir de “esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (Foucault, 2012a, p.269). Esse é o tipo de pessoa ao qual aspiram os usuários de maconha contemporâneos. As formas como estão operando eticamente sobre si mesmos e agindo politicamente sobre o mundo a fim de tornarem-se esse tipo de pessoa é o que busco descrever e analisar, o mais detalhadamente possível, no empreendimento investigativo que se encontra em andamento e que dá origem ao presente artigo.

Contraconduta

No seu curso “Segurança, Território, População”, ministrado no ano de 1978, no *Collège de France*, Foucault (2008) apresenta a noção de “contraconduta”, com ela querendo fazer referência a um tipo de enfrentamento ao poder que se caracteriza, não por uma negação desse poder, mas por uma insurgência contra uma forma específica de exercício desse poder. Ou seja, não se trata, para aqueles que adotam uma contraconduta, de se posicionarem em algum lugar de exterioridade ao poder, de se recusarem a ser governados, mas sim de se recusarem a ser governados precisamente daquela maneira como estão sendo governados, reivindicando, portanto, um outro modo de condução de suas condutas. A contraconduta, de certa forma, envolve um deslocamento, um redirecionamento de certos aspectos do poder, em detrimento

vai se dedicar à produção de conhecimento acerca das especificidades humanas, desenvolvendo técnicas para conhecer a medida exata da concessão, sob a forma de políticas sociais (serviços públicos de saúde e seguridade, projetos de habitação, etc), necessária para o máximo aproveitamento econômico, com a mínima contestação política por parte da população” (Ribeiro, 2010, p.54).

6 Foucault (2003) refere a noção de biopolítica como uma forma de governo da população que se baseia na politização daquilo que caracteriza o ser humano enquanto membro de uma espécie, ou seja, no governo político da população a partir de dados biológicos específicos como as taxas de natalidade e mortalidade. A partir do mapeamento desse tipo de dado, aspectos da vida biológica da população são tornados assuntos políticos e objetos de gestão, tendo em vista “garantir as condições para que a população, enquanto espécie humana, se desenvolva, ocupe o território, produza e se comporte das formas adequadas para que o Estado perdure, se fortaleça e assuma seu lugar na concertação internacional. Mais do que simplesmente submeter os indivíduos a regimes de trabalho, esse tipo específico de racionalidade governamental

de outros. Trata-se, conforme venho entendendo, para os usuários de maconha (ou, ao menos, para alguns tipos, alguns modos de ser usuário de maconha na contemporaneidade), da exacerbação e do deslocamento de certas características das formas contemporâneas de exercício do poder, de um reinvestimento de certos aspectos do regime de poder. Assim, os usuários de maconha, na “contracondução” de si mesmos enquanto ativistas, extrapolam alguns elementos característicos da racionalidade liberal de governo das condutas⁷, como a instituição e o governo de sujeitos que se pensam (e são governados) como livres e autônomos. Os usuários de maconha levam as concepções de um governo que se exerce sobre sujeitos livres e autônomos para além do escopo no qual esse poder vem se exercendo na contemporaneidade, e exigem ser governados como sujeitos que escolhem livre e autonomamente as formas como vão gerir seus corpos e mentes, mesmo que se valendo, para isso, de uma substância ilícita como a maconha.

Assim, entendo que, na medida em que querem ser governados enquanto sujeitos livres e autônomos não só quando decidem a marca de cerveja ou de sabão em pó que comprarão, o restaurante que frequentarão ou o candidato em quem votarão, mas também quando reivindicam o direito do uso de maconha enquanto parte de um uso livre e autônomo de seus próprios corpos e consciências, os usuários dessa planta, em suas movimentações políticas e éticas nesse começo de século XXI, e na medida em que não advogam pela completa supressão do poder que sobre eles é exercido, mas sim por uma extensão e aplicação desse poder a novos domínios, estão empreendendo ações de contraconduta. Deste modo, o que se nota é a proposição de um governo de si que desloca certos princípios, certos modos pelos quais somos todos, hoje, governados (governados enquanto sujeitos da livre escolha, enquanto sujeitos autônomos) e os estende a novos domínios, à gestão plena de seu bem-estar, de seus estados de consciência, compondo a si mesmos como sujeitos que se gerem (princípio crucial das estratégias biopolíticas contemporâneas) em graus, ou sob aspectos de si que am-

pliam os limites estabelecidos pelas formas de gestão da vida instituídas pelas tecnologias de governo das populações. Elementos dessa forma de condução de si circulam no fórum do *Growroom*:

Usuário: oerae

Data da postagem: 12/11/2012

O foco de nossa luta é poder fumar e poder não fumar também, desde que isso seja uma escolha legítima. Te explico. Se um cidadão quer fumar maconha num show de reggae, mas durante a semana acha melhor não fumar, pra não atrapalhar os estudos, tudo bem, cada um sabe de si. O Estado, com a proibição e perseguição, acaba interferindo na esfera pessoal e isso agride a essência do ser humano. O que estamos fazendo aqui no *Growroom* é História. Estamos no ativismo pra mostrar ao mundo que maconha é uma planta útil e o que faz ela ser segura ou não é, principalmente, reflexo da sabedoria de cada usuário. (...) Enquanto o tráfico avança, a proibição agride a todo brasileiro porque cada indivíduo fica sem legítima liberdade de escolha. Tem desrespeito maior do que esse?

Disponível em: <http://www.growroom.net/board/topic/48402-minha-experiencia/#entry964948>. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: BraveHeart

Data da postagem: 12/04/2012

Proibir o consumo de o que quer que seja, é proibir a livre escolha, a autonomia da vontade. Disponível em: <http://www.growroom.net/board/topic/45414-apoie-a-presidenta-dilma-a-se-posicionar-por-uma-nova-politica-de-drogas-no-mundo/#entry856223>. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Usuário: Spartacus

Data da postagem: 23/07/2012

Quero poder comprar porque não estou prejudicando a ninguém. Quero um mercado livre. Quero que pipoquem dispensários e que o traficante do morro seja legalizado, entre no Simples Nacional e faça curso gratuito no SEBRAE, de empreendedorismo. Quero o fim da violência. Quero minha liberdade de escolha, com liberdade, facilidade e praticidade. Quero meus direitos garantidos por inteiro.

Disponível em: <http://www.growroom.net/board/topic/46839-o-amaranhado-da-maconha/#entry907755>. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

7 James Marshall (2010), refletindo acerca das elaborações de Foucault acerca da racionalidade liberal de governo das condutas, indica que “a compreensão que temos de nós mesmos como pessoas capazes de efetuar escolhas livres e autônomas é, ela própria, uma construção que nos permite ser *governados*, tanto individual quanto coletivamente” (Marshall, 2010, p.22). Assim, operando em uma lógica econômica que objetiva o emprego mínimo de poder necessário para a consecução do governo, essa forma de racionalidade política se exerce *com*, ou *a partir* da liberdade de escolha do sujeito, tendendo a fazer com que sua escolha livre coincida com a escolha governada.

Usuário: corsário

Data da postagem: 01/02/2012

Eu diria que a minha briga é pela liberdade, e brigar pela liberação da Cannabis é lutar pela liberdade de escolha.

Disponível em: http://www.growroom.net/board/topic/44491-a-liberacao-da-maconha-seria-boa-para-a-sociedade/page__st_20#entry825210. Acesso em: 6 de dezembro de 2012.

Trata-se, portanto, não de um questionamento, de uma recusa, do modelo político democrático-liberal ou do modo de produção econômica capitalista, mas, bastante diferente disso, da reivindicação da integração de uma nova forma de subjetividade a esses modelos, ou melhor, da extensão dos modelos de subjetividades autônomas, livres, autorizadas a decidir por si mesmas, típicas das racionalidades liberais e neoliberais que organizam as formas de gestão das sociedades democráticas contemporâneas, a esferas mais amplas da experiência humana, envolvendo um aprofundamento do campo da gestão de si e uma ampliação das possibilidades de uso de substâncias alteradoras da consciência para além daquelas sancionadas pelas leis nas quais se cristalizam os regimes de poder dominantes na contemporaneidade. Deste modo, mais do que questionar os poderes que organizam as formas de vida em nossas sociedades ocidentais contemporâneas, a nova subjetividade, que aqui refiro, na falta de um termo mais adequado, como “canábico-ativista”, institui-se a partir de uma intensificação desses poderes e de seu direcionamento para outros objetos, outras possibilidades de experimentação da vida humana. Tendo em vista a consecução desses fins, os “sujeitos canábico-ativistas” investem, por meio da produção de princípios reguladores das suas condutas, na elaboração de novas formas de se ser um usuário de maconha, formas estas mais adaptadas ao regime dominante de poder e, por isso, mais suscetíveis de integração a esse regime.

Estas novas formas de se ser um usuário de maconha, como vimos, são marcadas pelo estabelecimento (e pela prática) de uma relação consigo que, impondo para si mesmo regras de conduta bastante precisas, visa à instituição de formas de autocontrole e autodisciplina que permitam aos usuários de maconha a manutenção de suas práticas de alteração da consciência por meio do consumo da erva sem que, com isso, sejam geradas tensões em suas relações pessoais, profissionais e institucionais (com os conseqüentes prejuízos sociais e econômicos que daí advêm). Ou, para dizer de uma forma simples e direta, como bem o

fazem os participantes do fórum do *Growroom*, a instituição de um autocontrole tão preciso e tão eficiente que torne qualquer descrição do “maconheiro” como nocivo à sociedade completamente absurda quando confrontada ao comportamento exemplar, segundo critérios dessa mesma sociedade, apresentado pelos usuários dessa substância. Assim sendo, ficaria evidenciado que todo o “problema social” do uso de maconha adviria do caráter ilícito deste uso (o qual financia as atividades criminosas que o exploram) e das formas abusivas de poder que as instituições médicas, policiais e, como não poderia deixar de ser, educacionais, exercem sobre o “sujeito maconheiro”, intervindo de modo violento e arbitrário sobre sua liberdade.

Uma educação outra sobre drogas

Acredito que a investigação sobre os processos de constituição de usuários de maconha por si mesmos constitui empreendimento bastante relevante para o campo da Educação. Se, em uma primeira aproximação, o tema não parece ter relação com o referido campo, é preciso dedicar algumas linhas ao estabelecimento das conexões que, se não são evidentes, são bastante significativas. A Educação está, desde pelo menos a década de 1970, no Brasil, diretamente implicada na história da experiência do uso de drogas na nossa cultura, pois a ela foi conferido um papel importante na normalização das condutas acerca de tais práticas. Como procurei mostrar em outro estudo⁸, os professores e os sistemas de ensino foram chamados a cumprir uma função importante na prevenção às drogas, sendo até hoje instrumentalizados pelo Estado com eventuais cursos de capacitação e recebendo, nas escolas, cartilhas e outros materiais destinados a ensiná-los a como devem ensinar os jovens a se comportar com relação às drogas. Ao mesmo tempo em que se multiplicam essas iniciativas, os usos de drogas não diminuem⁹ e, com eles, as consequências sociais que têm tido em termos de violência ligada ao tráfico de drogas, caos no sistema penitenciário devido ao número recorde de encarceramentos de vendedores de drogas ilícitas, casos de dependência

8 Trata-se de Ribeiro, Tiago Magalhães. Do “você não pode” ao “você não quer”: a emergência da prevenção às drogas na Educação. São Leopoldo: UNISINOS, 2010. Dissertação de Mestrado.

9 Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas de 2012, o consumo dessas substâncias encontra-se estável há cinco anos. (UNODC, Relatório Mundial sobre Drogas, 2012). Disponível em: http://www.unodc.org/documents/southerncone//Topics_drugs/WDR/2012/WDR_2012_Sumario_Executivo_PORT.pdf. Acesso em: 16 de novembro de 2012.

química, desestruturação e conflitos familiares, etc. Trata-se de um custo social bastante alto, sem falar no custo financeiro com a indústria da repressão ao uso de drogas e dos gastos com tratamento e recuperação de dependentes.

Assim, cabe refletir sobre os pressupostos que têm fundamentado a estratégia de enfrentamento a esse problema. No que tange especificamente à educação, se não se questiona que se deve minimamente orientar os jovens sobre as drogas, não ignorando que elas existem, o modo como essa orientação tem sido feita não parece muito efetivo. Talvez seja interessante investigar como os próprios usuários, neste caso, de maconha, têm orientado uns aos outros sobre os usos da substância, a fim de dirimir possíveis efeitos danosos, regular as quantidades e os contextos nos quais esse uso se dá, enfim, o que se nota examinando as mensagens que circulam no fórum do *Growroom* é um constante processo de educação dos usuários por si mesmos nesse espaço virtual. Talvez seja importante considerar, por mais paradoxal que pareça, que os profissionais da educação possam aprender algo com os próprios usuários de drogas: no presente caso, compreender de que formas construíram um espaço ético-político horizontalizado e aberto ao diálogo e ao cuidado, quais as características e modos de funcionamento desse espaço, bem como por meio de que técnicas e tecnologias os usuários de maconha estão produzindo, para si mesmos, subjetividades não criminosas e não doentes.

Compreender tudo isso pode contribuir muito para a formulação de um pensamento outro para uma educação sobre drogas a ser ainda pensada, problematizada. É fundamental, nesse momento, me parece, elaborar outros modos de pensar essa questão. Se a escola é a instituição principal do governo das condutas, se nela inevitavelmente se vai intervir sobre o “eu” de cada indivíduo a fim de dar-lhe uma forma, um sentido, a fim de determinar sua identidade, condicionar suas escolhas e formar seus desejos, se tudo isso aconteceu, acontece e, ao que tudo indica, ainda vai continuar acontecendo, bem, aqueles que pensam o campo da Educação, que pesquisam, que refletem, que diagnosticam, criticam e também, como grande parte da sociedade parece esperar, prescrevem e indicam o que fazer diante dos impasses, devem tentar dizer algo a respeito, não se furtando à discussão, dando uma contribuição ao campo da Educação e, especialmente, à constituição de uma forma outra de pensamento sobre as drogas, seus usos e seus usuários. Trata-se aqui de dizer que é preciso, com humildade, ouvir aquelas pessoas que usam drogas, tomar conhecimento dos modos como experimentam suas vidas, nunca para puni-las, talvez, ocasionalmente, para ajudá-las, se assim desejarem,

mas, principalmente, para pensar *com* elas outros modos de governo e de autogoverno, outras formas de configurar possibilidades de vida, de ultrapassar velhos e instituir novos limites que serão, futuramente, de novo contestados, de novo ultrapassados e assim por diante. Os profissionais da educação têm um papel que a história da nossa sociedade inventou, um papel ligado à condução da conduta dos novos membros dessa sociedade. Se condutas devem ser conduzidas, se passa pela fabricação dos sujeitos a própria possibilidade da existência do nexo social que permite a vida individual e coletiva com o mínimo de estabilidade e segurança, enfim, se é inevitável que vivamos entre relações de poder que condicionam o que somos, queremos e pensamos, não é inevitável que a constituição do sujeito se dê tão somente a partir da operação de tecnologias de dominação, de dispositivos de poder que atuam sobre os indivíduos condicionando-os, conduzindo-os, produzindo-os como sujeitos economicamente úteis e politicamente dóceis, no pleno atendimento de vontades de poder cuja configuração atual insere a todos nas grelhas de uma “normalidade” apática, produtiva, obediente. Não é absolutamente necessário que assim seja. É possível conduzir condutas de outras formas, constituir sujeitos diferentes, educar(se) outramente. Se a educação, como muitos gostam de dizer, é uma prática de libertação, no que concerne à educação sobre drogas, talvez a primeira coisa a se fazer seja ouvir os usuários dessas substâncias e compreender melhor o que eles estão fazendo consigo mesmos. Não exatamente para libertá-los, muito menos para melhor capturá-los, mas, simplesmente, para que vejamos e, quem sabe, participemos, todos, da gestação das condições de transformação de uma experiência¹⁰. Figura-se assim, talvez, uma educação que não é, de um lado, simplesmente adestramento,

10 Vaz (1992), faz, a partir de sua leitura de Foucault, interessantes indicações sobre como uma experiência pode ser transformada. Segundo ele, isso pode se dar a partir de duas condições. A primeira delas envolve algum tipo de resistência ao poder por parte de uma vontade recalcitrante e de uma liberdade intransigente que vão encetar uma forma de resistência tática, instituindo racionalidades estratégicas voltadas à abertura de tempos e espaços de liberdade, de modo a modificar as regras do jogo. A segunda forma ou condição de transformação de uma experiência se dá a partir da constituição de um pensamento que problematiza uma situação que se tornou incerta, provocadora de dificuldades econômicas, sociais ou políticas (todo o contexto de violência em torno do comércio tornado ilícito de drogas pode ser, do meu ponto de vista, entendido como uma situação desse tipo). Em suma, é a resistência ao que existe e a reproblemática do nosso pensamento, dos nossos modos de vida e das nossas concepções sobre nós mesmos que tornam possível a transformação (sempre fugaz, instável, reversível, mas inevitavelmente configuradora de novas possibilidades de vida) de uma experiência.

dominação, ou melhor, governo das condutas a partir da exterioridade, de um poder e de uma vontade exteriores ao indivíduo, e nem, de outro lado, a ilusão de uma educação que é instrumento de libertação, de constituição de um sujeito livre e emancipado, mas uma instância (inevitavelmente frágil, precária, instável) de mediação, de choque e de composição e recomposição constantes entre governo de si por si mesmo e governo de si pelos outros.

Referencias bibliográficas

Comissão Global de Políticas Sobre Drogas. (2011). *Relatório*. Acesso 9 de novembro de 2012 em: http://www.globalcommissionondrugs.org/wp-content/themes/gcdp_v1/pdf/Global_Commission_Report_Portuguese.pdf

Foucault, M. (2003). *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo/Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2008). *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2010a). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2010b). *O Governo de si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2011a). *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. São Paulo: Graal.

Foucault, M. (2011b). *O Governo de si e dos Outros II - A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2012a). *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2012b). *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal.

Growroom. Acesso 1 de novembro de 2012 em: www.growroom.net

Growroom. *Fórum*. Acesso 1 de novembro de 2012 em: <http://www.growroom.net/board/>

Growroom. *Quem Somos*. Acesso 1 de novembro de 2012 em: <http://www.growroom.net/quem-somos/>

MacRae, E. y Simões, J.A. (2004). *Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador: Edufba/Cetad.

Marcha da Maconha. Acesso 16 de novembro de 2012 em: marchadamaconha.org.

Marshall, J. (2010). Governamentalidade e Educação Liberal. In T.T. Silva (org.). *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. (ed. pp 21-34.). Petrópolis: Vozes.

ONU/UNODC. (2012). *Relatório Mundial de Drogas*. Acesso 12 de novembro de 2012 em: http://www.unodc.org/documents/southerncone//Topics_drugs/WDR/2012/WDR_2012_Sumario_Executivo_PORT.pdf

Ribeiro, T.M. (2010). *Do “você não pode” ao “você não quer”: a emergência da prevenção às drogas na Educação*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil).

Vaz, P. (1992). *Um pensamento infame: história e liberdade em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Imago.